

ARCPA

30 de Julho de 2012

Mensal

Ano XVII - Nº 187

Director:

Tiago Miguel Lopes Baltazar

Preço: 0,50€

pombal



TAXA PAGA
5140-999 Carrazeda de
Ansiães
N.º Contrato 574012



FAVARA FESTIVAL DE ARTES DE POMBAL DE ANSIÃES 4 a 9 de agosto 2012

11h30 - 12h30

13h30 - 14h30

15h30 - 16h30

17h30 - 18h30

19h30 - 20h30

21h30 - 22h30

23h30 - 24h30

25h30 - 26h30

27h30 - 28h30

29h30 - 30h30

31h30 - 32h30

33h30 - 34h30

35h30 - 36h30

37h30 - 38h30

39h30 - 40h30

41h30 - 42h30



Plantas da Nossa Terra

Alfazema



Catarina Lima

As lavandas (popularmente conhecidas como alfazemas) são plantas do género *Lavandula*, da família *Lamiaceae*. São pequenos arbustos vivazes e resistentes da zona europeia mediterrânica, que crescem em solos secos e áridos, calcários e bem expostos ao Sol, mas protegidos do vento. A espécie mais popular é a *Lavandula angustifolia*.

As partes aéreas floridas e também o óleo essencial são utilizados em aromaterapia e também para impedir a presença de insetos e parasitas. O cultivo comercial desta planta é feito para a extração de óleos das flores, caules e plantas, que são utilizados também como antisséptico, e na indústria de cosméticos.

Vários estudos confirmam que a alfazema, em doses baixas, tem um efeito sedativo/calmante e, em doses maiores, provoca excitação, alucinação e taquicardia (aumento do ritmo cardíaco). Tem ainda ação desinfetante e cicatrizante.

É utilizada em estados de intranquilidade, agitação e insónia, e em perturbações digestivas como a anorexia, flatulência e que se acompanhem de espasmos de natureza nervosa.

Está contraindicada na gravidez, amamentação e em crianças menores que 6 anos, devido aos seus efeitos tóxicos para as células nervosas.

As flores de lavanda produzem um néctar abundante que rende um mel de alta qualidade; este foi produzido inicialmente nos países que cercam o Mediterrâneo, e introduzido no mercado mundial como um produto de qualidade superior.

Bibliografia:

CUNHA, A., SILVA, A., ROQUE, O., Plantas e produtos vegetais e fitoterapia, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2003
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Lavanda>



Quintinha do Manel

Rua Tenente Aviador Melo Rodrigues
 Carrazeda de Ansiães

Restaurante, Pensão / Residencial

278617487



JMLIMA
 com múltiplos serviços

José Lima
 Tel: 01 943 55 56
jmlima.seguros@3sp.pt
www.jmlimaseguros.com

Rua Bombeiros Voluntários, 116
 5140-000 CARRAZEDA DE ANSIÃES
 T: 278 610 218 F: 278 617 993

FICHA TÉCNICA**Nome**

O Pombal

PropriedadeAssociação Recreativa e Cultural
de Pombal de Ansiães**Nº de Pessoa Coletiva**

500 798 001

Publicação Registada na D.G.C.S.

122017

Depósito Legal

129192/98

Diretor

Tiago Miguel Lopes Baltazar

Paginação e Composição

João Miguel Almeida Magalhães

Redação e ImpressãoLargo da Igreja, 1 - Pombal de Ansiães
5140-222 Pombal CRZ
Telef. 278 669 199 * Fax: 278 669 199
E-mail: jornal@arcpa.pt**Home Page**<http://www.arcpa.pt>**Redatores**Tiago Baltazar;
Patrícia Pinto, Fernanda Cardoso**Fotografia**

Fernando Figueiredo; Eduardo Teixeira; Anibal Gonçalves.

ColaboradoresVitor Lima; Fernando Figueiredo;
Fernando Campos Gouveia; Flora Teixeira; Manuel Barreiras
Pinto; Margarida Almeida; Manuel Igreja; Catarina Lima; Luís
Mota Bastos; Anibal Gonçalves;
(Os artigos assinados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores)**Tiragem Média**

500 Exemplares

PreçoO jornal O POMBAL é gratuito para os
residentes em Pombal de Ansiães

Assinatura Anual (Sócios)

Portugal: 8,00 Euros;

Europa: 18,00 Euros;

Resto do Mundo: 25,00 Euros

Assinatura Anual (Não Sócios)

Portugal: 12,00 Euros; Europa: 25,00 Euros;

Resto do Mundo: 35,00 Euros

Pontos de VendaSede da ARCPA (Pombal);
Papellaria Horizonte; Ourivesaria Cardoso;
Papellaria Nunes
(Carrazeda de Ansiães)

FUNDADO EM 1 DE JANEIRO 1997

EDITORIAL

**Tiago Baltazar**

Passava na altura o ano da Graça de 1998. Um ano, mais um, pouco engraçado no que a dinamismo cultural dizia respeito no distrito de Bragança. Então, a A.R.C.P.A. decide, com suor próprio, num *Verão Quente* desse ano, criar o FARPA. Fora verdadeiramente um momento de geração espontânea, tendo saído daí esse festim que vinha etiquetado como "O Festival que vai mudar o distrito". Logo à nascença o concelho fora pequeno para o acolher. Pensou-se em maior.

Efetivamente, o concelho fora (bem) pequeno para o FARPA 98, que logo na primeira edição apresentou gente que vinha d' além-fronteiras. Pelo FARPA já passaram nomes que agora são bem conhecidos do panorama musical português. Mais recentemente a voz dos *Amor Electro*. Também Os *Andarilhos* que em 1998 eram apenas quatro amigos com muito bom espírito e alguma música e que hoje, com cd's editados, têm ainda melhor espírito e muito melhor música. Ainda no ano passado se ouviram os *Dazkarieh*. Também no teatro, sempre tão amado no Pombal, o FARPA apresentou grupos profissionais de grande qualidade.

O FARPA foi apresentado nos quatro canais televisivos, saiu nos jornais de relevo nacional, contou com presenças governamentais.

Mais tarde, com o distrito já mudado, o festival passou a apresentar-se como aquele que "Traz montes de emoções". Trá-las.

Ainda recentemente trouxe a emoção de "pés e mãos atadas", ao saber-se que os apoios propostos para as associações do concelho não foram aprovados pelos vereadores da oposição na Câmara Municipal de Carrazeda de Ansiães, o que, independentemente da validade ou não da argumentação aduzida, trouxe manifesto prejuízo à A.R.C.P.A. e indiretamente ao FARPA, tendo sido seriamente ponderada a sua não realização.

Contudo, já que o *velhinho* (por ser mais velho que a grande parte dos festivais feitos em Portugal, por ser o mais velho do distrito sem discriminar qualquer forma de arte) FARPA não é respeitado, é preciso que se continue a dar ao respeito. Por isso, ele chegará a 4 e ficará para ser visitado até dia 9 de Agosto. O FARPA vem com algumas nuvens escuras que num ápice se dissiparão.

TOURIGO

O berço da touriga nacional



Simão Almeida

Tourigo é uma freguesia portuguesa do concelho de Tondela, com 8,90 km² de área e 512 habitantes (2011). Densidade: 57,5 hab/km².

Situada a 15Km da cidade de Tondela, é uma vila constituída por um povo de gente alegre e hospitaleira que ao longo dos anos foi desenvolvendo ofícios e tradições ligadas, sobretudo, aos trabalhos agrícolas.

Tourigo confina em si a beleza e a rusticidade própria da vida agrícola onde predomina o verde floresta da próxima Serra do Caramulo e dos inúmeros campos de pastorícia. É atravessado por duas linhas de água que em tempos foram de fulcral importância na implantação de moinhos de água. Faz parte, ainda da sua história, o histórico Rego do Esporão que continua a dar vida à agricultura local.

No que respeita a serviços sociais a população é servida pelo Centro Social do Tourigo, do qual faz parte o Centro do Dia, com a valência de Apoio Domiciliário. Uma Escola Primária, um Jardim de Infância, uma Zona de Lazer, entre outros serviços e locais a visitar e instituições de distinguível valor.

Atualmente, os habitantes desta localidade trabalham essencialmente na madeira, construção civil, avicultura, tendo simultaneamente como ocupação a agricultura e pastorícia de subsistência.

Mas não é para falar de destinos turísticos que me pedem para escrever para o nosso jornal, e peço desde já desculpa por

não ser tão regular como eu queria.

Tourigo não é só a terra com gente hospitaleira que vos falo em cima, é muito para além disso. Tourigo é o berço da nossa Touriga nacional, casta muito apreciada em Portugal e já além-fronteiras. Sei que na África do Sul já se começam a fazer plantações dessa tão nobre casta

Touriga Nacional é uma casta tinta da família das *Vitis Viníferas*. É vigorosa, com tendência para fazer abrolhar muitos gomos secundários e latentes e assim formar muitas netas que adensam a copa – por vezes perigosamente na zona da frutificação. Convêm-lhe porta-enxertos de baixo ou médio vigor.

Porte muito retombante o que aconselha um sistema de suporte com arames duplos móveis e o encaminhamento frequente e precoce da vegetação, em simultâneo com podas em verde dos lançamentos parasitas.

Permite poda curta em cordão royat (unilateral ou bilateral) sendo que os talões não devem ser demasiado curtos – pelo menos 3 gomos incluindo o da coroa.

A Touriga Nacional é uma casta muito exigente quanto à forma de ser conduzida e na ausência de alguns preceitos culturais como excesso de vigor e copas muito densas pode ser sujeita a intenso desavinho, sobretudo se o clima decorrer frio e húmido durante a floração.

No tocante ao rendimento e em resultado da seleção clonal, a Touriga Nacional revela hoje uma produtividade aceitável – em termos médios, situada entre 5 a 8 ton/ha

Embora revele boa adaptação a grande diversidade de solos, os terrenos férteis e frescos no Verão são-lhe pouco favoráveis em vista da qualidade. Pelo contrário, é satisfatoriamente rústica, suportando alguma carência hídrica no Verão, excepto nos solos delgados onde pode sofrer esfoliações intensas.

A Touriga Nacional não revela especial sensibilidade ao conjunto das doenças e pragas mais habituais. A forma de condução e o vigor podem, no entanto, condicionar a sensibilidade às doenças e pragas.

Verifica-se, no entanto, uma nítida sensibilidade à escoriose.

Entre as tintas é a casta mais nobre de Portugal. É a rainha das uvas portuguesas e que pelas suas qualidades para a vinificação, começa a ocupar cada vez mais espaço nas produções europeias, australianas e californianas. Em Portugal, é plantada desde o Douro até ao Alentejo. O cacho, pequeno e alongado, possui bagos diminutos, arredondados, de tamanho não uniforme, com a epiderme negra-azul revestida de forte pruína; a polpa é rija, não corada, suculenta e de sabor peculiar.

Apresenta uma maturação média e a produção pode ser algo heterogénea. Normalmente apresenta volumes algo inferiores aos da casta Tinta Roriz/Aragonês e bastante inferiores às castas Jaen, Alfrocheiro, Tinta Barroca e Touriga Francesa sendo estas as castas a que normalmente é associada para a produção de vinhos variados.



Quando usada numa percentagem conveniente, obtêm-se vinhos com bom teor alcoólico, com aromas intensos de elevada complexidade, especialmente a violeta, encorpados, com taninos nobres e susceptíveis de longo envelhecimento.

É Considerada a melhor casta para elaborar o vinho de Porto.

Dá excelentes vinhos, carregados de cor, muito aromáticos, adstringentes, com frutado intenso. São vinhos de guarda, exigentes em tecnologia que possa torná-los bebíveis ao fim de poucos anos. Muitas vezes quando o vinho fica bom já nem existe, é bebido antes.

Possui sete clones certificados, obtidos nas condições dos ensaios de seleção.

E são eles:

Touriga Nacional T, clone 17 ISA:

Rendimento médio, com teor alcoólico elevado e acidez total média. Excelente adaptação ambiental. A nota global de prova de vinhos experimentais foi de muito bom.

Touriga Nacional T, clone 18 ISA:

Excelente rendimento, com teor alcoólico médio e acidez total média. A nota global de prova de vinhos experimentais foi de muito bom.

Touriga Nacional T, clone 19 ISA:

Muito bom rendimento, com bom teor alcoólico e acidez total média. A nota global de prova de vinhos experimentais foi de bom.

Touriga Nacional T, clone 20 ISA:

Bom rendimento e acidez total média. A nota global de prova de vinhos experimentais foi de muito bom.

Touriga Nacional T, clone 21 ISA:

Rendimento médio, com excelente teor alcoólico e boa acidez total. A nota global de prova de vinhos experimentais foi de muito bom.

Touriga Nacional T, clone 22 ISA:

Excelente rendimento, com teor alcoólico médio e boa acidez total. Boa estabi-

lidade ambiental. A nota global de prova de vinhos experimentais foi de bom.

Touriga Nacional T, clone 23 ISA:

Rendimento médio, com teor alcoólico médio e acidez total média. A nota global de prova de vinhos experimentais foi de muito bom.

Na minha opinião, se me permitem, não devemos apostar só na Touriga Nacional. Existem castas em Portugal que estão a desaparecer. Para se ter uma noção, no nosso País existem 341 castas catalogadas. Há muito por onde escolher. Se não o que vai acontecer um dia é andarmos todos a competir pela Touriga Nacional e esquecermos que temos de diversificar, fazer diferente que é onde está realmente a essência dos grandes vinhos.

“Aceita sem receio azeite do cimo, mel do fundo e vinho do meio.”



BORGES PINTO & FERREIRA, LDA.

Confeitaria e Pastelaria, Restaurante
Snack-Bar, Salão de Chá e Café

Rua do Campo Alegre, 654
Telefone 226 068 646
4150-171 PORTO



Largo do Chafariz - 5070 Alijó
Telef. 259 956 691

Rua Luís de Camões, 791 - 5140 Carrazeda de Ansiães
Telef. 278 616 335

Av. das Amoreiras, 130 - 5370 Mirandela
Telef. 278 285 213
Telem. 912 224 418



Regulamento Cedência do Salão

Sócio(a) / Filho(a) de Sócio(a) / Cônjuge

Dias	Salão	Loiças	Cozinha	Salão/Loiças/Cozinha
1	40€	15€	30€	75€
3/4	100€	40€	80€	200€

Não Sócio(a)

Dias	Salão	Loiças	Cozinha	Salão/Loiças/Cozinha
1	80€	30€	60€	150€
3/4	200€	80€	150€	300€

Obs: Para este efeito, as regalias de sócio, adquirem-se desde que se seja sócio(a) há mais de um ano, na data do pedido.
O salão deverá ser sempre pedido por escrito, com uma antecedência adequada.
Para casamentos, principalmente no Verão e datas festivas, a antecedência deverá ser, no mínimo de três meses,
Os pedidos serão objecto de apreciação e decisão, por ordem de chegada. Sempre que os pedidos sejam coincidentes, os sócios terão preferência sobre os não-sócios.

Ex.mo(s) Senhor(es) Associados/Assinantes

Caso pretendam receber o jornal, deverão recortar/copiar e preencher a Ficha de Assinatura abaixo e enviá-la para a ARCPA, com o respectivo meio de pagamento ou comprovativo de transferência bancária dos valores indicados, para as seguintes contas:

Caixa de Crédito Agrícola Mútuo (C.a Ansiães) - NIB - 0045 2190 40052054541 39

Caixa Geral de Depósitos (C.a Ansiães)- NIB - 0035 0207 00005044030 35

JORNAL - O POMBAL

FICHA DE ASSINATURA

NOME - _____

MORADA - _____

LOCALIDADE - _____ CÓD. POSTAL - _____ - _____

PAÍS - _____

SÓCIOS ARCPA

Assinatura anual

- 8,00 Euros PORTUGAL

- 18,00 Euros EUROPA

- 25,00 Euros RESTO DO MUNDO

NÃO SÓCIOS

Assinatura anual

- 12,00 Euros PORTUGAL

- 25,00 Euros EUROPA

- 35,00 Euros RESTO DO MUNDO

ENVIO CHEQUE No _____ BANCO _____

VALE POSTAL No - _____

ou comprovativo de transferência bancária com a identificação do assinante

DATA - ____ / ____ / ____ Assinatura - _____

Envie para: Jornal O POMBAL * Largo da Igreja, 1 POMBAL
5140-222 POMBAL CRZ - CARRAZEDA DE ANSIÃES

Obs.: O pagamento deverá ser efectuado no início de cada ano.



Tlf.: 278 610 040 Tlm: 917 838 018
Fax: 278 610 049 vanguardalda@gmail.com
Delegado Centro Sul (Coimbra)
Arq. Jaime Veiros Tlm.: 917837198

Rua Marechal Gomes da Costa, 319, 1º Dtº
5140-083 Carrazeda de Ansiães

O Jornal **pombal**
tem o patrocínio do



INSTITUTO PORTUGUÊS
DO DESPORTO
E JUVENTUDE, I. P.

JOGOS DE VERÃO 2012

POMBAL DE ANSIÃES

11 DE AGOSTO
15 HORAS

Equipas de 6 elementos
6€ por participante

NOTA: Inscrições abertas a maiores de 15 anos
até dia 9 de Agosto

Contactos:

geral.arcpa@gmail.com | 966 862 541 | 964 552 379



LANCHE FARPA

5 DE AGOSTO | 19 HORAS

POMBAL DE ANSIÃES



Preço

Sócios: R\$

Não Sócios: 10€

Inscrições até ao dia 2 de Agosto

getal.arpas@gmail.com | 966 962 541, 964 562 070, 919 545 407



A descoberta de Carrazeda

Belvêr



Aníbal Gonçalves



Belver é uma freguesia do concelho de Carrazeda de Ansiães que dista aproximadamente dois quilómetros da sede. Trata-se de um núcleo populacional relativamente pequeno, mas, como a freguesia agrega Mogo de Ansiães e o bairro do Reboredo, que muitos julgam pertencer a Carrazeda, tem mais de 300 habitantes, número que muitas outras freguesias não atingem.

A origem do nome Belver é frequentemente atribuída à derivação de “Belo ver” ou “Belo viver”. Esta explicação é também dada a respeito de outro Belver, com um bonito e altaneiro castelo, no concelho de Gavião. Não me parece que haja grande paralelismo, uma vez que o “nosso” Belver está implementado numa zona planáltica, na terra fria, entre os 700 e os 800 metros de altitude, mas sem que daqui se avistem largos horizontes, exceção feita ao vale da Cabreira, para os lados de Mogo de Ansiães.

Mesmo a esta altitude, há pontos mais elevados que se lhe sobrepõem. Daqui se avis-

ta o pinocro, vértice geodésico de primeira classe situado em Fontelonga, o cabeço de N^a S^a da Graça, em Samorinha e o antigo castelo de Ansiães, a que esta freguesia esteve ligada em tempos remotos.

O meu último grande passeio a Belver aconteceu em junho de 2008. Quando, recentemente, voltei à aldeia, algo tinha mudado. Não foram as pessoas, nem as casas, nem a paisagem. O que mudou foi a imagem mental que eu construí da aldeia depois de ler o romance “O violino do meu pai – Partir ou ficar em Trás-os-Montes” da autoria de Campos Gouveia, nascido em Belver em 1947.

Pode ter sido uma dedução errada minha, nunca esclarecida junto do autor, mas a aldeia onde se desenrola parte da história, Belavista, é justamente a aldeia de Belver. Não resisto a transcrever algumas palavras.

“A aldeia era animada e havia muita mocidade, especialmente raparigas, que os rapazes estavam a ir em bandos para o Brasil, no sonho de

fortuna seguramente rápida, a abanar a árvore das patacas; composta de um aglomerado velho de casas de pedra nua, atravessado a meio por um caminho largo que conduzia a Montelongo, capela de dois altares e igreja matriz da Senhora das Neves com torre sineira e relógio accionado por dois pesos de granito, três fontes de mergulho: a da gricha, a do valtalho e a da canelha. Era nesta última que Joaquina recolhia os canecos de água, não só por ser a mais próxima mas também por ser a mais limpa: nas outras duas os animais bebiam com frequência da mesma água das pessoas. Esta tinha uma abóbada de pedra colocada de tal forma que os animais tinham dificuldade em chegar à água e dois degraus laterais que serviam de banco, num plano inferior ao do caminho, onde as pessoas podiam conversar. Além disso, a canelha não tinha muito movimento, pois só de manhã e à noite os lavradores passavam por ali para levar ou trazer os animais dos lameiros da pontesinha, e por isso os na-

morados a preferiam.”

O romance faz uma descrição das habitações, das famílias e do modo de vida na aldeia de “Belavista”. Partamos, então, à descoberta da aldeia que “na uniformidade da pedra escura e da telha vã... se confundia com a paisagem granítica, se dela se não destacassem algumas construções recentes de brasileiros.”

Um bom ponto de partida para o passeio é o largo da Praça. É relativamente amplo e está rodeado de casas em granito. Encostado a uma delas está um fontanário, também em pedra, mas já sem gota de água. Algumas foram recuperadas, e com bom gosto, outras mostram as marcas do passar dos anos e da ausência de vida. Marca do tempo é (também) o nome de um beco próximo – Atafona. As atafonas eram espécies de moinhos, movidos a tração animal. Um deles que terá possivelmente existido neste beco.

Da Praça partem vários caminhos em distintas direções. Sendo necessário escolher, uma hipótese é seguir em di-



reção ao Vale, para norte. O Vale foi antigamente a Gricha. A aldeia era atravessada por uma ribeira onde as mulheres lavavam a roupa. Havia uma pequena ponte de pedra que permitia atravessar a ribeira e, também na Gricha, uma fonte, possivelmente de mergulho, onde bebiam os animais e de onde extraía água para rega. Hoje o cenário é bem diferente. O leito da ribeira é mais caminho do que outra coisa. A pouca água que por aqui passa é entubada, mal se dando por ela. Disseram-me que a fonte ainda existe, tapada, mas não a encontrei.

O largo do Vale é um dos recantos mais românticos da ladeia. Há uma enorme tília e muitos bancos espalhados, para um momento de sossego. Encostados às casas pendem fartos ramos de rosas vermelhas, ou mais lavadas. Algumas destacam-se pela dimensão, pela utilização de granito trabalhado, pelas escadas e patins. Umas mais robustas, outras mais humildes e em ruínas. Na rua, na travessa e no beco, todos do Vale, há dos

de - uma janela manuelina. É muito simples, parecida com outras que existem em Selo-res, mas, mesmo assim, digna de referência porque não são muito abundantes no concelho.

A rua do Vale tem continuação pela rua da Escola. Nela não se ouvem os risos das crianças e algumas casas estão desabitadas. É direita e larga, contrastando com todas as das zonas mais antigas da aldeia. Liga a caminhos vicinais que se estendem até Carrazeda de Ansiães.

Na antiga Escola Primária funciona agora a sede da Liga dos Amigos de Belver. Constituída em 2006 e com muitos dos associados fora da aldeia, a principal atividade da Liga tem sido a realização de um convívio nos primeiros dias de agosto. No entanto, os seus objetivos são mais ambiciosos e, em parte têm sido conseguidos: melhoria das instalações e o seu aproveitamento mais frequente; recuperação da fonte de mergulho da canelha da Figueira e a aquisição e recu-

peração do moinho existente no ribeiro do Moinho.

A falta de uso do recinto da escola é evidente, necessitando urgentemente de limpeza.

O “recreio” é dos poucos pontos da aldeia de onde se avista alguma paisagem. Não é difícil imaginar os campos cheios de vida. Aliás, isso ainda se verifica nas pequenas hortas encostadas às casas, onde se regam as alfaces, cebolas, tomateiros e pimenteiros, rodeados de flores, que salpicam de cor todas as hortas transmontanas.

Na veiga, mais latifundiária, só sobraram algumas leiras de batatas, já com flor, outras de milho, culturas bem representativas do potencial agrícola das terras.

Está na altura de segar a erva dos lameiros. As gramíneas floriram e os finos caules dobram-se com o peso das espigas. Os troques, com a sua cor garrida, crescem hirtos nas paredes ao longo dos caminhos com arranjos de verde de cenoura brava. As giestas negrais, que aqui crescem como carvalhos, ostentam o que restou do seu manto amarelo, recolhido por calejadas mãos para as passeadeiras do Dia do Corpo de Deus.

Ao longo das margens da ri-

beira do Moinho, que se estende até próximo da Carrazeda, e continuando pela Veiga, há grandes retalhos de terrenos férteis, outrora sustento de famílias numerosas, estão reduzidos à alimentação do gado, também ele cada vez menos abundante.

Regressemos às ruas. Caminhemos até ao largo da sede da Junta de Freguesia. O edifício é pequeno, recente e não desperta muito a atenção. O elemento de maior interesse neste largo é, sem dúvida, uma curiosa fonte datada de 1924. Esta fonte é única no concelho, constituída por um depósito, um tanque para os animais beberem, uma torneira para recolha de água e um pequeno tanque para lavar a roupa. Estas últimas três valências estão interligadas por um sulco do em granito por onde a água circula por gravidade até se depositar do tanque de lavagem da roupa. Muito bem situada, e ainda com plena utilização, esta fonte é um dos elementos do património construídos com mais interesse em Belver.

Chegámos ao ponto de partida. A aldeia é dividida pela Estrada Municipal 627 que no interior da povoação recebe o nome de rua Marechal Gomes da Costa. É por ela que se tem

acesso a Belver e se pode sair em direção a Fontelonga. As bonitas vivendas que existem na aldeia foram construídas à entrada, de um e do outro lado da estrada. É também à entrada da aldeia que se encontra um nicho muito recente, elegante, em granito, inaugurado em 2009. A imagem é de N^a S^a das Neves.

No interior da aldeia la-deiam a estrada casas mais antigas, algumas com traça interessante. As curiosidades vão surgindo, como duas caras esculpidas, perto do largo da Junta, um relógio de sol sobre um muro, depois do largo da Praça, algumas pedras trabalhadas e datas gravadas nas vigas e fachadas das casas. Sendo possível que existam habitações desde o séc. XII, a data mais antiga que encontrei gravada foi 1668, sendo a maior parte do séc. XX. Num beco está gravado MDCCLXV, em letras enormes, na viga de uma porta.

Um pouco mais à frente surge a capela de Santo Cristo, visita obrigatória na Descoberta desta aldeia.

Nas Memórias Paroquiais de 1758 são citadas como existentes em Belver 4 capelas: uma no cemitério, a capela da Visitação de Santa Isabel, particular, tendo como administrador António de Moraes, de Zedes; a segunda na meio do povo, de N^a S^a do Carmo,

particular, sendo administrador António José Monteiro; a terceira no fim do povo, indo para Carrazeda, a de S. Pedro, também particular, administrada por António Gonçalves. A quarta era precisamente a capela de Santo Cristo.

“Tem mais esta freguesia outra Capella que há poucos anos que se principiou que ainda nom esta benta”. A julgar pela data inscrita por debaixo do parapeito de uma das janelas terá sido concluída em 1765. Contam as pessoas que foi mandada construir por um emigrante no Brasil, que, sendo colhido por uma tempestade numa das suas viagens, prometeu construir esta capela por quanto chegasse bem à sua terra natal. Tendo sobrevivido, cumpriu a promessa. As Memórias Paroquiais contam uma história um pouco diferente. A capela foi construída com a contribuição de doentes que se curaram, “como se verifica dos mylagres que nella estão” (deveria estar a referir-se ao que conhecemos hoje por ex-votos, e que não existem na capela) e com dádivas dos fiéis.

A capela foi construída aproveitando a existência de um cruzeiro em pedra com duas imagens, nas costas uma da outra, Santo Cristo da Agonia e N^a S^a do Amparo. O altar, ou melhor os altares, de costas um para o outro foram cons-

truídos mantendo as imagens em pedra no centro da talha em madeira, estando situados, mais ou menos, no meio da capela. Como tem duas portas de entrada e dois altares, pode dizer-se que é uma capela dupla, onde dois padres podem celebrar ao mesmo tempo, sem se verem. O fuste do cruzeiro e as imagens estão completamente pintados, não se notando, à primeira vista, a separação entre a pedra e a talha dos altares. O cruzeiro é muito mais antigo de que a capela, não se sabendo ao certo a sua origem. Ainda há pouco tempo vi um semelhante em Alcanices.

Esta capela foi atingida por um relâmpago em maio de 2011. O poder destrutivo começou na cruz cimeira, seguiu pela instalação elétrica, espalhou-se pelos altares fazendo saltar faíscas por todos os lados. As toalhas brancas dos ficaram com buracos causados pelo fogo. Foi recuperada, sendo mínimos os vestígios desse acidente. A cruz foi substituída, porque se partiu quando caiu ao chão. O interior foi restaurado e pintado. Também nas casas vizinhas o susto foi enorme causando estragos nos eletrodomésticos.

A capela é usada é usada como casa mortuária. A população é pouca e o espaço suficiente e aconchegado.

Há mais uma curiosidade

nesta capela – a Pedra da Mor-te. O nome é sugestivo, mas a sua origem não é muito clara. A pedra tem quase um metro de altura e uma forma que se assemelha à base de um pilar. Seria a base do cruzeiro? É pouco provável. Apresenta em relevo uma figura humana, o próprio diabo, dizem. Há quem distinga nela os chifres e o rabo, que parte de um lado, e contorna toda a pedra. O que é garantido é que ela se encontrava no exterior da capela. Apenas foi colocada no interior com receio de que fosse roubada. Também é verdade que, em tempos idos, os rapazes mediam forças, uns com os outros, transportando a pedra às contas em voltas à capela.

É referenciada também uma ermida, dedicada a S. Martinho, a um quarto de légua da igreja.

A igreja matriz está próxima. Este templo deve ter sido construído no séc. XVI e reformulado mais tarde. Cristiano Moraes diz que foi ampliada em 1775. Exteriormente é de linhas simples, constituída por uma planta longitudinal, composta por nave única e capela-mor. Apresenta uma torre sineira na fachada, dupla e central. Os pináculos, quer na igreja, quer na sacristia lateral, são singelos. No interior o retábulo que cobre o arco triunfal de volta perfeita e que integra os altares colaterais





maneiristas, não é contemporâneo do da capela-mor. Este último foi restaurando há menos tempo, mas um pouco de atenção nos motivos evidenciam diferenças, para além do facto de um estar restaurado e do outro necessitar de restauro. Gosto mais do rendilhado do retábulo da nave.

No teto estão pintados os quatro evangelistas, os doze apóstolos e N^a S^a das Dores.

Desde a última vez que estive na igreja houve algumas alterações. O ambão mudou de lado. A imagem de N^a S^a das Neves também mudou de posição. Em 2008 estava do lado do Evangelho e atualmente encontra-se do lado da Epístola. Tal mudança parece dever-se à existência de uma outra imagem, a de Nossa Senhora de Fátima, do lado do Evangelho. Qualquer pessoa que entre na igreja vai procurar a imagem do padroeiro/a na lugar em

que se encontra hoje S. Pedro! Já em 1758 S. Pedro, com uma irmandade na paróquia e N^a S^a das Neves, partilhavam o altar da capela-mor, mas a imagem da Virgem com o Menino seria a que se encontra hoje na nave principal da igreja, que é muito vistosa. Esta imagem estava em 2008 num altar lateral, que foi entretanto desmontado e removido!

Há mais imagens na igreja, mas a de St^a Ana e a de N^a S^a da Conceição merecem algum destaque.

Abandonado o adro da igreja e caminhando mais algumas centenas de metros em direção a Fontelonga, encontra-se o ribeiro do Moinho. Nele existem tanques para lavar roupa, mesmo no leito do ribeiro, junto ao antigo moinho. Deixa-se a estrada, à esquerda e caminha-se um pouco ao longo do ribeiro até atingir o moinho. Está prevista a sua

recuperação por parte da Liga dos Amigos de Belver, mas não está minimamente preparado para ser visitado. Andei em volta e não consegui descobrir a porta! Com pena minha, abandonei o local.

De novo na estrada, se o tempo disponível for suficiente e a vontade de caminhar for muita, pode seguir-se em direção ao bairro das Carvalhas e daí para a fraga das ferraduras. Este sítio de arte rupestre fica a aproximadamente 2 km de distância. Uma vez que se situa a poucos metros de distância da estrada que segue para a Piscina Municipal e barragem da Fontelonga é possível aceder-lhe facilmente em automóvel.

De regresso ao largo da Praça, falta uma última paragem, na fonte romana. Fica na canelha da Figueira, a curta distância da capela do Santo Cristo. Trata-se de uma fonte de mer-

gulho, parcialmente abatida, mas que ainda têm água que é usada para regar algumas hortas em volta. Seria muito bom que se procedesse à preservação desta estrutura, bem bonita e que deve trazer boas recordações às pessoas mais idosas.

Termina assim o passeio À Descoberta de Belver. A aldeia apresenta um bom conjunto de pontos de interesse para ser visitada, com casas tradicionais, fontes e algum património religioso. O principal problema de Belver, é, sem dúvida, a falta de gente que utilize os espaços, que cuide deles, para que seja mais agradável viver neles e visita-los.

O encontro da Liga dos Amigos de Belver está marcado para agosto. Estive presente em 2008 e posso garantir que os belverenses são exemplares no bem receber (bem à maneira trasmontana). Até lá...

As tarefas rurais no mês de Junho



Flora Teixeira

Diz-se na gíria que “Maio pardo, Junho claro” ou “Em Junho foice no punho”. Quer o mesmo dizer que era o mês das “segadas”. Embora o Pombal não fosse zona de grandes searas, ainda se faziam algumas. Principalmente os lavradores que tinham bois e as faziam nas suas próprias terras. Faziam outras de “meias” em terras de outros proprietários. Tudo era de “meias”, desde a sementeira até à ceifa. Claro que até ser ceifado passou por muitas etapas trabalhosas, todas manuais. Partiam o grão e a palha a “meias” também. Depois de ceifado apertava-se em pequenos fardos que ficavam na terra durante uns dias. Depois faziam grandes meadas ainda na terra e ficava lá até ser levado para a eira para ser malhado na época própria. As segadas eram feitas da parte da manhã, logo ao amanhecer, para evitar que o grão se desintegrasse das espigas com calor. Quando o pessoal a ceifar era muito, o dono comprava uma ovelha ou uma cabra. Por ser uma tarefa que exigia muito fisicamente, os patrões caprichavam em tratar bem os seus empregados. Nessa mesma época havia grupos de homens que iam para as segadas para terras como Macedo de Cavaleiros, Rossas, entre outras.

Como estou em maré de escrever sobre o antigamente, vou acrescentar uma receita de culinária, feita com produtos da horta que se tornaram pratos típicos do Pombal, nesta época.

Pataniscas da horta

12 flores da planta que dá a botelha; Água q. b.; Um ovo; Farinha; Salsa q. b.; Pimenta q. b.;

Rechear a gosto, queijo, azeitonas carne, peixe etc.;

Tirar a parte de cima às flores e rechear a parte de baixo;

A gosto, passar pelo polmo que se preparou com a água, ovo, farinha, salsa, e a pimenta.

Fritam-se em azeite bem quente, depois de fritas e escorridas, são deliciosas.

Também se guisavam batatas com as mesmas flores, chamadas batatas guisadas com carneiro da horta.

Muito apreciadas...

Experimente e bom apetite!

2.º FESTIVAL DA FRANCESINHA DA ARCPA



Marta Carvalho

E como ficou prometido no ano anterior, no dia 30 de Junho de 2012, realizou-se pela segunda vez, o festival de francesinha, juntamente com a comissão de festas do S. Pedro, festa já bem tradicional na nossa freguesia.

E superando todas as expectativas, foram servidas cerca de 120 francesinhas.

Seguindo-se depois um pezinho de dança no recinto de festas de Pombal de Ansiães.

Fica desde já o nosso agradecimento a todos os que puderam estar presentes.

Breve historia da francesinha:

As francesinhas nasceram no Porto, “inventadas” na década de sessenta por um emigrante regressado de França, que decidiu dar um toque especial a um prato típico francês, chamado “croque-monsieur”.

Este “estrondoso” prato é hoje em dia uma das mais apreciadas iguarias da cidade do Porto e até de Portugal, e é a especialidade de vários restaurantes, dos mais chiques aos mais populares.

Receita:

Ingredientes:

Molho:

- 1 cerveja
- 1 caldo de carne
- 2 folhas de louro
- 1 colher de sopa de margarina
- 1 cálice de brandy ou vinho do porto
- 1 colher de sopa de farinha maizena
- 2 colheres de sopa de polpa de tomate
- 1 dl de leite
- piri-piri q.b.

Francesinha:

- 2 fatias de pão de forma
- fiambre qb
- queijo qb
- salsichas qb
- linguiça qb
- carne assada ou bife qb

Preparação:

Molho:

Dissolver bem a maizena com o leite e juntar os restantes ingredientes. Com a varinha mágica triturar, levar ao lume até ferver e engrossar um pouco mexendo para não pegar no fundo.

Francesinha:

Fazer uma sandes com os ingredientes e cobrir com queijo.

Colocar no centro de um prato e regar com o molho. Levar ao forno a gratinar.





Restaurante
CALÇA CURTA

Especialidades da Casa:
Carnes:
Veado, Javali, Coelho Bravo, Perdiz e Arroz de Lebre
Peixes:
Polvo, Bacalhau, Enguias, e Peixinhos do Nosso Rio
Agência: TOTOBOLA - TOTOLOTO
ESPLANADAS DE LAZER
E PAISAGENS ESPECTACULARES

Tel: 278 685 255
5145-133 TUA



Manuel Pinto

Verdades que o tempo oferece a quem acredita no tempo

Vou tentar expôr alguns factos e contra factos não há argumentos. Os leitores deste jornal já se habituaram à minha presença e sabem que gosto da verdade e de dizer o que penso.

Falar das termas de São Lourenço na freguesia de Pombal de Ansiães, tem servido de bandeira para as eleições autárquicas a todos os partidos políticos. Dou os parabéns à Patrícia Pinto que tão bem ilustra e descreve a situação dos balneários no São Lourenço, que servem para o estudo médico -hidrológico e a propriedade das águas nas doenças das vias respiratórias superiores. Eu se Deus quiser, este ano á semelhança do anterior, vou continuar com o tratamento no São Lourenço e dar o meu contributo para o referido estudo. Não sei se por condições atmosféricas verificadas neste Inverno ou pela acção do tratamento, certo é que passei melhor o Inverno no que diz respeito á sinusite que me acompanha.

As termas de São Lourenço, não são as melhores do Mundo!... Confidenciava o meu amigo Prof. José Luis Correia, e, porque eu fiz a observação de que em Argoselo no concelho de Vimioso, foi feito um aproveitamento termal das águas da Terronha e gastos três milhões de Euros. Ou seja, no distrito de Bragança, não há somente as Caldas de São Lourenço e aqui infelizmente já foi gasto muito dinheiro, para dar uma finalidade útil ás mesmas, em nome de interesses políticos e obscuros.

Há que respeitar a lei. Com esta frase lapidar se desculpa o estado das casas que estão em ruína e a cair. Dizem que a Câmara nada pode fazer. Imaginem o que seria esta situação numa qualquer Rua da sua cidade. Também os balneários que agora servem para o que acima referi, certamente que no futuro vão dar lugar a balneários definitivos e ao lado a construção de piscina para aproveitar a água que jorra a 37,2° C e que tem uma temperatura agradável. Mas também há que incentivar os particulares, a iniciativa privada a fazer obras no local, para tanto ofereçam condições. Em Vimioso a Câmara está em negociações com empresários espanhóis para a concessão das termas e do empreendimento realizado.

Na verdade, as termas de São Lourenço, não são as melhores do Mundo. Vou contar aqui e agora, a iniciativa da Fábrica da

Igreja de Santa Águeda de Carrazeda de Ansiães. Promoveu um passeio agradável e cultural, ao maior destino de Turismo de Saúde e Bem-Estar em Portugal, às Termas de São Pedro do Sul. Tem águas termais com propriedades únicas na Europa pouco mineralizadas, brotando a 68,7° C, estão vocacionadas para o tratamento de doenças reumáticas e das vias respiratórias. Os balneários D. Afonso Henriques e Rainha D. Amélia, constituem uma verdadeira vila termal com diversos hotéis, esplanadas, cafés, lojas de artesanato e outros. O folheto elucidativo sobre preços 2012, não assusta ninguém e muito menos os doentes que sofrem das doenças mencionadas.

Gostei da visita ao Núcleo Museológico do balneário Rainha D. Amélia, que permite a descoberta da história milenar da estância termal de S. Pedro do Sul e também às instalações que efectuem os tratamentos com equipamentos modernos. Aqui deixo uma palavra de apreço, para as modestas instalações das Caldas de São Lourenço, pois como utente verifiquei que os aparelhos para o tratamento das vias respiratórias, são iguais aos que vi nas modernas termas acima descritas.

Para terminar que a viagem foi longa, deixo o apelo em primeiro lugar aos proprietários dos terrenos e das casas abandonadas, sejam herdeiros ou outros, que através do Presidente da Junta de Freguesia, que tão bem conhecem, perguntem que planos há para poderem vender, a que preço, ou se há ajudas para compor o que

está estragado. Às autoridades concelhias, Presidente da Câmara, e membros da Assembleia Municipal o desafio de dar um rumo, uma orientação, contactar os proprietários das casas abandonadas, dialogar, planejar para que em 2013, quando as águas estiverem certificadas para o tratamento de doenças, possam incentivar os interessados em investir e dar a dignidade ao local que o mesmo merece.

Que o São Lourenço, mártir do seu tempo por uma boa causa, acreditava na sua fé e teve a ajuda divina. Que este santo do alto em que nos contempla, tome em suas mãos esta tarefa profana de iluminar os homens para causas justas e humanas. E, porque 2013 caminha a passos largos, em breve se anuncia, todo o cuidado é pouco na hora de votar. Para os leitores, um bom dia de trabalho, sorriam e façam por serem felizes.



Jornal "O Pombal" n.º 185 de 30 de Maio de 2012



Conservatória dos Registos Civil, Predial e Comercial a Cartório Notarial de Carrazeda de Ansiães

CERTIDÃO

Certifico, para fins de publicação, nos termos do art.º 100º do código do notariado, que por escritura de justificação notarial, outorgada neste cartório notarial, em 22/06/2012, lavrada a partir de folhas trinta e cinco, respetivo livro de notas número sessenta e seis - C, Rui Manuel Ribeiro de Seixas, NIF 165 610 301, e mulher Ana Rosa de Almeida Seixas, NIF 180 093 959, casados sob o regime da comunhão de adquiridos, naturais ele freguesia de Linhares, concelho de Carrazeda de Ansiães, e ela da freguesia de Mogo de Malta, concelho de Carrazeda de Ansiães, residentes no Bairro da Telheira, n.º 173, freguesia e concelho de Carrazeda de Ansiães, declararam:

Que, com exclusão de outrem, são donos e legítimos possuidores de um prédio rústico composto de terra de cereal com seis castanheiros, com a área de oito mil e quatrocentos metros quadrados, sito na Maco ou Marco, freguesia de Linhares, concelho de Carrazeda de Ansiães, que confina a norte com herdeiros de Manuel Casimiro, a nascente com Luiza da Cruz, a sul com caminho e a poente com Gracinda Moraes, ainda não descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 189, com o valor patrimonial para efeitos de IMT de € 855,46, igual ao que lhe atribuem.

Que, adquiriram o referido prédio já no estado de casados, em dia e mês que não podem precisar no ano de mil novecentos e noventa, por compra meramente verbal feita a António do Carmo Anselmo, que foi viúvo e residente em Arnal, freguesia de Linhares dita.

Que, deste modo não possuem título formal que lhes permita registar na aludida Conservatória do Registo Predial o identificado imóvel, todavia, desde a citada data em que se operou a tradição material do mesmo, eles justificantes, já possuem, em nome e interesse próprios, o prédio em causa, tendo sempre sobre ele praticado todos os atos materiais de uso e aproveitamento agrícola, tais como, amanhando-o, semeando-o, cultivando-o, colhendo os produtos semeados, aproveitando, assim, dele todas as suas correspondentes utilidades, agindo sempre como seus proprietários, quer na sua fruição, quer no suporte dos seus encargos, tudo isso realizado a vista de toda a gente, sem qualquer ocultação, de forma continuada, ostensiva e ininterrupta desde o seu início, sem qualquer oposição ou obstáculo de quem quer que seja e sempre no convencimento de o fazerem em coisa própria tendo assim, mantido e exercido sobre o identificado prédio, durante mais de vinte anos e com o conhecimento da generalidade das pessoas vizinhas, uma posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio, pelo que adquiriram o citado prédio rústico por usucapião, que expressamente invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de primeira inscrição no registo predial, direito esse que pela sua própria natureza não pode ser comprovado por qualquer título formal extrajudicial.

Extraí a presente certidão de teor parcial que vai conforme o seu original, e na parte omitida nada há em contrário que amplie, restrinja, modifique ou condicione a paste transcrita.

Ana Paula Pinto Filipe da Costa

Jornal "O Pombal" n.º 184 de 30 de Abril de 2012



CARTORIO NOTARIAL
ALAMEDA NOSSA SENHORA DE FATIMA NUMERO 8
MACEDO DE CAVALEIROS
Notária Lic. Ana Maria Gomes dos Santos Reis

Certifico para efeitos de publicação que por escritura lavrada neste Cartório Notarial no dia quatro de Julho de dois mil e doze, no livro de notas duzentos e trinta traço A com início a folhas vinte e quatro JOSÉ DE CASTRO TEIXEIRA, (N.I.E. 104 223 430), e mulher LUISA DE JESUS LIMA, (N.I.E.156 792 621), casados sob o regime da comunhão geral de bens, ambos naturais da freguesia de Pinhal do Norte, concelho de Carrazeda de Ansiães, onde residem no lugar de Brunheda, declararam que com exclusão de outrem são donos e legítimos possuidores do seguinte:

Um terço indiviso de um prédio rústico composto de terra de centeio e vinha, sito no lugar de "Salvadeira", freguesia de Pinhal do Norte, concelho de Carrazeda de Ansiães, inscrito na matriz sob o artigo 853, com o valor patrimonial total de 16,16 €, correspondente a fração o valor de 5,39 €, a que atribuem igual valor, descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães sob o número mil seiscentos e sete, freguesia de Pinhal do Norte.

Que apesar do citado prédio estar au inscrito, na indicada proporção a favor de Carlos Lima, casado, pela Apresentação quinhentos e vinte e dois, de três de Outubro de dois mil e onze, o mesmo é pertença dos justificantes, porquanto.

Em dia e mês que não pode precisar, mas que foi há mais de vinte anos, os justificantes adquiriram o referido prédio, na indicada proporção, por doação verbal de Eugénia da Conceição Catarino, viúva, que foi residente em Sentrilha, Pinhal do Norte, aquisição que ocorreu por volta do ano de mil novecentos e oitenta e nove, que nunca reduziram a escritura pública.

Que deste modo, desde essa data, os justificantes passaram a possuir o citado prédio, no gozo pleno das utilidades por ele proporcionadas, cultivando-o e colhendo os seus frutos, considerando-se e sendo considerados como seus únicos donos, na convicção que não lesavam quaisquer direitos de outrem, tendo a sua atuação e posse, sido de boa fé, sem violência e sem oposição, ostensivamente e com conhecimento da generalidade das pessoas que vivem na freguesia onde se situa o prédio e tudo isto por lapso de tempo superior a vinte anos.

Que esta posse em nome próprio, pacífica, contínua e pública, desde há mais de vinte anos, conduziu a aquisição daquele prédio por usucapião que expressamente invocam, justificando o seu direito de propriedade para efeito do registo dado que esta forma de aquisição não pode ser provada por qualquer outro título formal extrajudicial.

Está conforme o original. Macedo de Cavaleiros, quatro de Julho de dois mil e doze.

A Notária, Ana Maria Gomes dos Santos Reis

SERRALHARIA

A Nova

de: Albino Augusto Carvalho

Zona Industrial, Lote 6 – 5140-105 CARRAZEDA DE ANSIÃES
Telef./Resid.: 278 617 531 - Oficina: 278 615 268 – Telem.: 917 601 847

O NOVO
TALHO NOVO

talhonovo@hotmail.com
Carrazeda de Ansiães

www.municipal-carrazeda-de-ansiães.pt

S. Pedro em Pombal



Carlos Almeida

Festejou-se no passado mês de Junho a festa de São Pedro em Pombal de Ansiães.

A festa durou dois dias. Dia 30 começou a recolha de canas, cartinzeiras e trepadeiras para a construção da cascata.

Ao fim da tarde tivemos as famosas "Francesinhas", feitas pela Cátia Carvalho e Marta Carvalho, também eu as provei e estavam uma delícia.

Depois das "Francesinhas"

tivemos o grande arraial, abrilhantado pelo grupo "Só baile" que deu música ao Pombal até às 3 horas da manhã.

No dia 1 de Julho celebrou-se a missa em honra do São Pedro, dita pelo Sr. Padre Humberto Coelho, ficando para depois a actuação do grupo de violas e cavaquinhos de Pombal de Ansiães.

Foi assim que terminou a festa em Pombal de Ansiães.



Câmara Municipal de Carrazeda de Ansiães

EDITAL

Para cumprimento do estatuído na Lei nº 26/94, de 19 de Agosto, publicita-se a concessão de apoios financeiros concedidos pela Câmara Municipal, durante o 1º semestre de 2012:

- Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Carrazeda de Ansiães (Equipas de Intervenção Permanentes): € 11.634,81
- Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Carrazeda de Ansiães (Serviços afetos à Protecção Civil): € 25479,90

Carrazeda de Ansiães, Paços do Município, 04 de Julho de 2012

O Presidente da Câmara Municipal, José Luís Correia

OURIVESARIA CARDOSO

de

José Alberto Pinto Pereira

Rua Luís Camões

Telef. 278 617 284 - 5140 Carrazeda de Ansiães



miravet
PRODUTOS PARA AGRICULTURA E PECUÁRIA, LDA.

Loja 1: Rua da República nº107 • tel. 278 263 263 • fax 278 262 628 • 5370-347 MIRANDELA

Loja 2: Rua de Stº António • Tel/Fax 278 616 515 • 5140-095 CARRAZEDA DE ANSIÃES

ARMAZÉM: Cruzamento de S. Salvador • Tel. 278 262 855 • 5370 MIRANDELA

E-mail: geral@miravet.eu - www.miravet.eu



syngenta
E-Carmo



STIHL
HONDA



Ansiães FM 98.1

A Rádio do seu dia a dia !

RÁDIO ANSIÃES, C.R.L.

Rua Tenente Aviador Melo Rodrigues

5140-100 Carrazeda de Ansiães

Tel. 278 616 365 - 278 616 295

Fax. 278 616 725

Internet: www.ransiaes.sbc.ptE-mail: ansiaestfm@mail.telepac.pt

A Rádio Ansiães apoia a ARCPA, ciente da colaboração
no progresso do concelho de Carrazeda de Ansiães.

os congelados do rauss



noratlântico
Ind. e Comércio de Prod. Alimentares, Unip., Lda.

peixe
mariscos
ultracongelados
vegetais
conservas
bacalhau sêco

QUALIDADE * VARIEDADE * PREÇOS BAIXOS

rua marechal gomes da costa 269 r/c - tlf. 278 618 096

CARRAZEDA DE ANSIÃES

(junto às traseiras do antigo centro de saúde)



Sabemos que a sua preferência fará o nosso sucesso!

Figuras e Factos



Fernando Figueiredo

A “Irmandade do invicto Mártir Sam Lourenço” já existia pelo menos desde o século XVII, na paróquia de Pombal. Outras a antecederam na centúria anterior, como era comum no distrito e no concelho. De todas darei nota num trabalho de natureza académica sobre a freguesia que, brevemente, tenciono publicar.

Na verdade, as confrarias e irmandades nasceram no Ocidente cristão na Idade Média. Mas o seu âmbito e a sua organização notavam-se sobretudo nos grandes centros urbanos. Nessa altura, a maior parte do país era constituída por pequenos povoados ou lugarejos (quintas), com pouca gente e templos de reduzidas dimensões. Assim acontecia no concelho de Carrazeda de Ansiães e na freguesia de Pombal.

No século XVI, com o aumento demográfico, a construção de templos maiores e com mais autonomia, como aconteceu com a paróquia de Pombal perante a igreja de Marzagão, e a revigoração do espírito religioso e da acção eclesial, após o Concílio de Trento (1530), este tipo de associações, com fins espirituais e assistenciais, ampliou-se e organizou-se em moldes que mereceram a atenção dos papas, os quais sobre elas publicaram normas eclesiásticas para as regular.

A versão dos estatutos da Confraria de S. Lourenço que se conhece é de 1757¹. Nela, os oficiais da irmandade justificam esta nova publicação por os antigos estrarem “truncados”, haver folhas soltas e pela necessidade de os adequar à realidade da confraria. Daqui se concluiu que havia, seguramente, pelo menos outra versão anterior. Também o vigário António de Moraes Seixas, sucessor do seu homólogo (e parente?), António de

Seixas, quando respondeu às Memórias Paroquiais, de 1758 – inquérito ordenado pelo Marquês de Pombal e dirigido aos párocos de todo o Reino –, referiu que esta irmandade era muito antiga.

Como o conteúdo destes estatutos de 1757 já foi tratado no jornal O Pombal, em 1997, não pretendo aqui fazer-lhe uma análise detalhada, tentando sobrepor-la ou sequer confrontá-la com a que então foi feita e que considero ter sido muito bem fundamentada.² Todavia, no trabalho a que acima me referi, apresentarei também a minha interpretação que, em alguns aspectos, poderá ser complementar.

De momento, pretendo abordar apenas os capítulos que se referem directamente à festa de S. Lourenço, na sua componente religiosa, tal como ela vem contemplada nos estatutos da irmandade. O propósito é, fundamentalmente, perceber-se como ela era envolvente, diversa e inseparável da glorificação que, também por esta via, se pretendia fazer ao padroeiro. Ver-se-á, inevitavelmente, como se fazia, o que mudou e o que permaneceu.

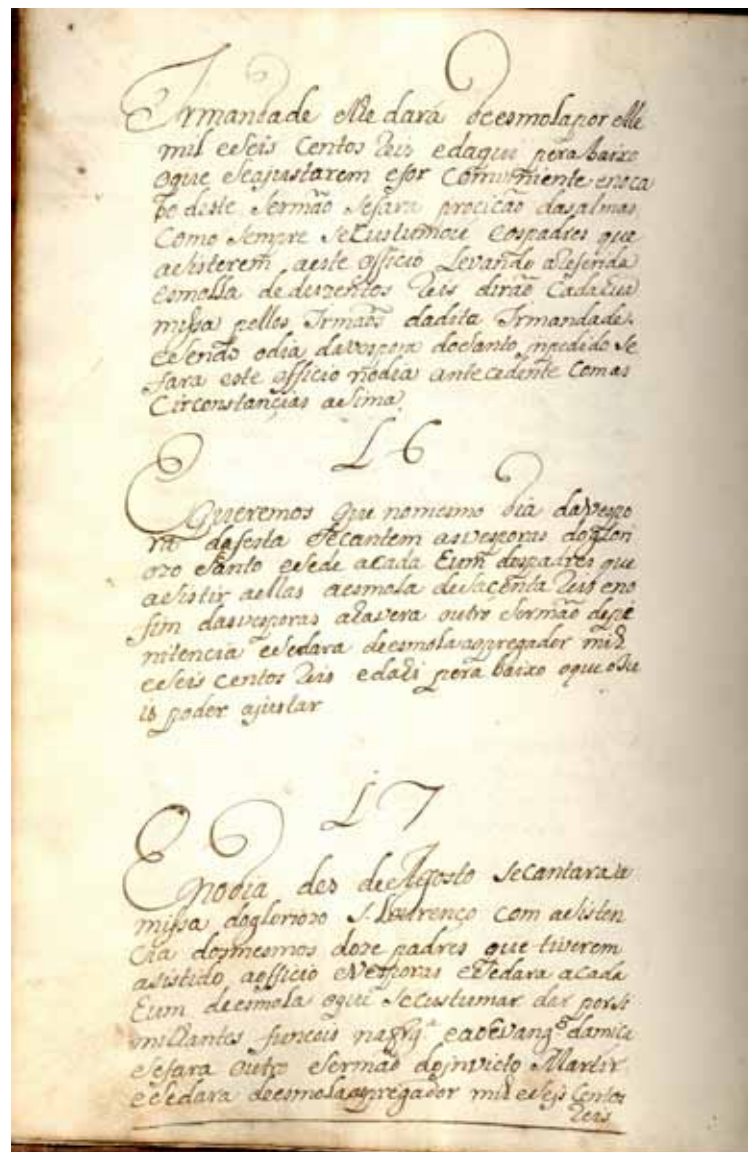
Esta componente festiva começava na véspera, dia 9 de Agosto, incluindo as seguintes actividades:

Pedaços de História

FREGUESIA DE POMBAL DE ANSIÃES

A Componente religiosa, segundo os Estatutos da Confraria de S. Lourenço – Reformulação de 1757

“Ordenamos que todos os anos no dia da vespóra da festa do glorioso São Lourenço se faça hum officio de doze clérigos pella alma dos Irmãos da mesma Irmandade entrando sempre neste numero os que ouuer na freguesia e os que vierem de fora serão todos confeçores pera ouvirem de penitencia os Irmãos que se quizerem confeçar e se dara a cada hum dos padres a esmola de duzentos reis e o Ver.^o Parocho o seu direito parrochial e no cabo deste officio haverá hum sermão das



almas feito por pregador aprovado que sera chamado pelo Juiz da mesma Irmandade e lhe dara de esmola mil e seis centos reis e daqui pera baixo o que se ajustarem e for conveniente e no cabo deste sermão se fara procissão das almas como sempre se costumou e os padres que assistirem a este officio levando a referida esmola de duzentos reis dirão cada hum missa pelos Irmãos da dita Irmandade. Sendo o dia da vespora do santo impedido se fara este officio no dia antecedente com as circunstancias asima.” (Capítulo 15).

Além destes actos religiosos, havia ainda:

“Queremos que no mesmo dia da vespora da festa se cantem as vesporas do glorioso Santo e se de a cada hum dos padres que assistir a ellas a esmola de saçenta reis e no fim das vesporas haverá outro sermão de penitencia e se dará de esmola ao pregador mil e seis centos reis e dali para baixo o que se poder ajustar.” (capítulo 16)

Como se vê, havia um ofício com doze clérigos, um “sermão das almas”, uma “procissão das almas”, além das doze missas, cânticos de vésperas e mais um

“sermão de penitência”. O cerimonial religioso deveria começar com o ofício e terminar com o sermão de penitência, após a procissão das almas, à qual se veio a chamar, mais tarde, “procissão de penitência”. Inexoravelmente, parte da tarde e da noite eram de intensa actividade religiosa, numa igreja quente, repleta de gente, com cheiro a cera e a cadáveres, antigos ou recentes (até 1863), sem condições para uma cómoda assistência e com gente de todas as idades. Era este o prelúdio para o dia seguinte.

Entretanto, a alimentação dos padres officiantes tinha que ser garantida:

“Queremos que no dia da vespora no fim do officio [...] se dea ou mande dar pelo Juiz aos R.R. dos padres que assistirem a elle e juntamente ao pregador o comestível e mais a prestação necessária a custa da confraria com o moderamen[to] possível não admitindo a ele sacerdotes nem pessoas que para elle não forem necessárias, nem chamadas sob penna delle pagar de sua caza.” (capítulo 18).

Ou seja: alimentar os obreiros, mas não aceitar “penduras”, mesmo em dias de festa.

Na missa do dia 10, eram publicados os nomes dos oficiais para gerir a confraria no ano seguinte, os quais deviam ser eleitos no último domingo de Julho ou no primeiro de Agosto, em escrutínio presidido pelo pároco, mantendo-se o resultado secreto até à altura da publicitação, sob pena de multa de mil e duzentos reis (capítulo 7).

Quanto às manifestações religiosas deste dia, dispunham os estatutos da irmandade o seguinte:

“No dia des de Agosto se cantara a missa do glorioso S. Lourenço com

assistencia dos mesmos doze padres que tiverem assistido ao officio e vesporas e se dará a cada hum de esmola o que se costumar dar por semelhantes funções na freguesia e ao Evangelho da missa se fara outro sermão do invicto Martir e se dará de esmola ao pregador mil e seis centos reis e daqui pera baixo o que o Juiz poder ajustar e [n]a mesma missa da festa haverá exposição do Santissimo Sacramento podendo ser.” (capítulo 17).

Além da missa e do sermão do dia 10, não há mais qualquer referência a actividades religiosas a cargo da Irmandade de S. Lourenço, por altura da festa em sua honra, sendo de supor que todas as outras decorriam por conta da paróquia. Provavelmente, haveria já a procissão da tarde, com o andor do padroeiro e de outros santos, cujas imagens existiam na igreja, mas é de supor que a procissão da manhã, com o andor de Nossa Senhora das Necessidades, só haja sido introduzida mais tarde. Mas, sobre isso, os estatutos de 1757 não dizem nada. Todavia, atendendo a que o anexo ao lado da sacristia apenas foi construído em 1895, parece ter sentido concluir que as actuais imagens do Sr. dos Passos e da Sr.^a das Necessidades que, até ao final da década de 1950, não tinham altar na igreja, sejam mais ou menos dessa altura (fins do século XIX). No entanto, talvez a devoção pela segunda, que supera largamente a do próprio padroeiro, tenha uma raiz profunda, já que havia na freguesia uma irmandade de Nossa Senhora das Necessidades já no século XVII.

Apesar de irmos estando atentos a tudo o que nos pode esclarecer melhor o passado longínquo, até para nos ajudar a compreender o presente e a projectar de algum modo o futuro, é bem mais o que ignoramos do que aquilo que conseguimos saber. Mesmo assim, devemos valorizar essa parcela do conhecimento que logramos obter. É o que sempre tento fazer e partilhar. Aqui fica mais este pequeno contributo para a sensibilização e valorização do nosso património.

JULHO/2012

¹-Veja-se: AHM (Arquivo Histórico da Torre de Moncorvo), Fundo: Confraria de S. Lourenço do Pombal – Estatutos – 1757.

²Estes estatutos foram publicados por Carlos Alberto Bento Seixas, com o título: “A Confraria de S. Lourenço”, O Pombal, n.º 7/8, Julho/Agosto de 1997, pp. 14-15; Ibid., n.º 9, Setembro de 1997, p. 134; e Ibid., n.º 10, Outubro de 1997, pp. 8-9.



1911 - 1912

PLA 7 - 1911
EXPOZICAO FOTOGRAFICA

1911 - 1912

PLA 8 - 1911
CHITEPA

1911 - 1912

PLA 9 - 1911
CHITEPA

1911 - 1912

PLA 10 - 1911
CAPACILLOS

1911 - 1912

PLA 11 - 1911
BELTAINA

1911 - 1912

PLA 12 - 1911
LECTIO DIVINA

1911 - 1912

PLA 13 - 1911
MUSICARCPA

1911 - 1912

PLA 14 - 1911
LEPO

1911 - 1912

